

Tradução e mercado de trabalho

**Entrevista com Maria Franca Zucarello, presidente do
Sindicato Nacional de Tradutores**

Angélica Karim Garcia Simão¹

Para o número sobre tradução da revista *abehache*, julgamos pertinente realizar uma entrevista com Maria Franca Zucarello, presidente do SINTRA – Sindicato Nacional de Tradutores², entidade originada no início dos anos setenta na cidade do Rio de Janeiro e com sede na mesma cidade até os dias atuais.

Maria Franca Zucarello é formada em Letras, mestre em Letras Modernas e doutora em Letras Neolatinas. Desde 1981 é professora de língua, cultura e literatura italiana dos cursos de graduação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), e atua como presidente do sindicato desde 2011.

As perguntas que motivaram a entrevista, realizada por e-mail, buscaram trazer à discussão, básica e fundamentalmente, as relações entre o sindicato e o mercado de trabalho para tradutores, envolvendo desde o campo de atuação política dessa instituição, sua visão sobre as transformações ocorridas no mercado de trabalho nos últimos anos, sua posição frente à regulamentação da profissão e à formação dos profissionais da área.

Também procuramos abordar a visão sindical sobre as possibilidades de acordo ou organização das atividades relacionadas à tradução envolvendo os países do MERCOSUL, além das três principais vertentes que o SINTRA afirma se dedicar: a busca pela remuneração profissional digna, a luta pelo recebimento de direitos autorais pelos tradutores, reconhecidos como coautores dos livros que traduzem, e o apoio à categoria na realização de seus serviços.

¹ Doutora.UNESP/São José do Rio Preto.angelica@ibilce.unesp.br

² O site do SINTRA pode ser acessado em www.sintra.org.br

As respostas enviadas pela presidente do sindicato são apresentadas integralmente e promovem novas reflexões e questionamentos sobre a atual situação do tradutor inserido no mercado de trabalho brasileiro.

Em um mercado tão pulverizado como o de tradução, como é possível entendermos a união de tradutores via ação sindical ou a comunicação entre o sindicato e os tradutores?

O Sindicato de tradutores nasceu nos anos setenta, formado por um grupo de tradutores. A primeira conquista obtida pelo SINTRA, em 1988, foi o reconhecimento, pelo Ministério do Trabalho, da categoria como profissão liberal. Desde então o SINTRA luta para que a categoria tenha os benefícios que seus filiados buscam e para unir cada vez mais a classe. Os tradutores filiados e os não filiados mantêm um contato constante com o Sindicato, seja através de e-mail ou de presença, seja durante as assembleias. O SINTRA objetiva a melhoria de seus filiados quanto à valorização do trabalho do tradutor e do tradutor-intérprete. Queremos aqui informar que os tradutores nem sempre são filiados ao SINTRA ou a qualquer outra entidade representativa da categoria, pois a filiação sindical é de livre escolha do profissional.

Na condição de professora universitária e, ao mesmo tempo, dirigente de uma instituição cuja ação volta-se para o campo político, como você encara o papel das universidades, especificamente daquelas que possuem cursos de graduação em Letras- Tradução, ou disciplinas voltadas para essa especialidade, na formação de tradutores?

Como dirigente do SINTRA, devemos dizer que hoje há uma verdadeira invasão do mercado de tradução por pessoas que não vivem somente da tradução. Isso, porém não quer dizer que entre os que traduzem sem ter a chamada qualificação não estejam os capacitados para fazerem bons trabalhos, e nesse caso sua atuação não acarretaria a desvalorização da tradução. Quanto aos vários cursos que invadem o mercado, devemos dizer que são bastante seguidos. Por outro lado, gostaríamos de dizer que as Universidades estão sentindo, cada vez mais, o dever de, em seus cursos de graduação e/ou especialização, implementar disciplinas voltadas para a preparação dos jovens para que sejam os bons tradutores de amanhã. De fato, ao ensinar nas Universidades estamos conscientizando os nossos alunos sobre a responsabilidade que têm ao se tornarem tradutores, isto é, bons tradutores. Essa conscientização é importante porque lhes desperta, além do desafio constante de encontrarem o termo (ou a frase) mais correto para a tradução que

estão fazendo, o prazer e o orgulho pelo trabalho que realizam. E tudo isso os leva a valorizar e defender a profissão que estão aprendendo.

Então nós professores sentimo-nos os condutores desses jovens e mais uma vez ressignificamos o verbo “Traduzir”, do latim *traducere*, isto é, conduzir alguém para o outro lado, para o acesso aos conhecimentos linguísticos e à cultura da língua para a qual estão traduzindo.

Para tanto, ao transmitir aos jovens os segredos da profissão e, principalmente, o prazer de traduzir, as universidades e os professores estão sempre mais envolvidos na criação de bons cursos de tradução, cujo ensino baseia-se, além do estudo dos teóricos mais famosos mundialmente, na troca de opiniões e debate que acontecem durante as aulas e que mais enriquecem o estudo da tradução e conscientizam de que não existe uma única tradução correta de uma palavra, de uma frase, de um texto, mas que cada um tem sua solução, sempre que esta seja, a seu ver, a melhor.

Que avaliação você faz do campo de atuação política do SINTRA, considerando a proporção entre o número de filiados ao sindicato e os profissionais inseridos no mercado de trabalho atualmente?

O SINTRA é um Sindicato apolítico e a única “política” que adota é a de defender os direitos da classe. Quanto ao número de seus filiados, podemos, sem dúvida, dizer não ser expressivo, pois, como já dissemos, o número de filiados não corresponde ao de profissionais que trabalham nesta área, e mais uma vez, demonstra ser esta uma profissão liberal.

Nos últimos anos, em função do desenvolvimento tecnológico e do aumento de indústrias *offshore*, dentre outros fatores, o mercado de tradução mudou bastante. Que análise o SINTRA faz dessa transformação?

Sim, o desenvolvimento tecnológico tem dado passos de gigante e, portanto, o mercado da tradução está em contínuo aumento. Gostaríamos de acrescentar que, nem sempre, porém, o desenvolvimento tecnológico traz a qualidade, uma vez que os trabalhos, com o suporte informático, podem ser realizados de forma mais corrida de modo que a qualidade dos trabalhos pode deixar a desejar, e isso pode levar a um empobrecimento quanto à excelência das traduções.

Desde 1988 a profissão de tradutor passou a ser reconhecida, mas ainda não é regulamentada. Como o SINTRA se posiciona diante da possibilidade de regulamentação da profissão de tradutor e intérprete e da criação de conselhos (federais e estaduais) de Tradução e Interpretação?

Como já dissemos, existem duas vertentes: uma daqueles que desejam a regulamentação da profissão e outra daqueles que não a querem. A vertente que não quer regulamentação acha que não há necessidade de tê-la, uma vez que o próprio mercado é regulado pela qualificação do profissional, e esta é confirmada pela qualidade de seus trabalhos. O posicionamento do SINTRA é que uma coisa é consequência da outra, pois, não havendo regulamentação, não haverá como se criarem conselhos. Devemos, porém, dizer que o SINTRA está buscando saber se é melhor ter ou não a regulamentação, uma vez que, como já dissemos, muitos são os tradutores a favor, assim como muitos são os contrários. Quanto à criação de Conselhos, acreditamos possa ser um excelente passo à frente para que estejamos cada vez mais unidos e lutemos pelos nossos direitos. Estamos acompanhando as discussões a respeito.

Sabemos que no mercado de trabalho os preços praticados pelos tradutores sofrem muita variação e que a base para estabelecer a tabela de valores sugeridos pelo sindicato é feita a partir de profissionais bem remunerados. O SINTRA tem alguma referência de como os profissionais da área lidam com essa questão?

O SINTRA não estabelece tabela de valores a ser cobrados e os preços sugeridos são fornecidos pelos próprios tradutores que, reunidos em assembleia, chegam a um valor de referência, mero norte para eles mesmos e para as empresas que procuram seus serviços. Confirmamos que os preços praticados pelos tradutores não são uniformes, devendo ser acordado entre estes e os que solicitam os trabalhos de tradução.

Quais são as conquistas do SINTRA referentes ao recebimento de direitos autorais por parte de tradutores de livro?

O SINTRA vem acompanhando os debates em torno da Lei dos Direitos Autorais, que vem progredindo lentamente, mas com boas perspectivas. Até o momento, porém, persiste a prática de os tradutores de livros receberem a remuneração pela tradução como se fosse uma venda de seus direitos autorais. Todavia, o direito à autoria da obra é invendável e o nome do tradutor deve sempre aparecer claramente na obra publicada, mesmo que em edições sucessivas.

Além de filiarem-se ao sindicato e associarem-se a ABRATES, quais recursos os tradutores poderiam adotar para aumentar sua visibilidade enquanto profissionais inseridos no mercado de trabalho brasileiro? Existe alguma postura que possa favorecer a articulação desses profissionais que são, em muitos casos, profissionais autônomos ou liberais?

Cada tradutor e cada intérprete tem meios próprios para aumentar a sua visibilidade enquanto profissional, e os recursos, nessa profissão, são pessoais e englobam seu *marketing* e sua ética profissional. É claro que a melhor propaganda é a qualidade do trabalho, assim como a pontualidade na entrega deste.

O SINTRA tem feito o possível para atender às necessidades de seus filiados, ao mesmo tempo em que está sempre em busca de novos benefícios para o bem-estar profissional deles e para que se sintam bem representados.

Existe alguma proposta de acordo ou regulamentação linguística entre os sindicatos ou associações que direcione a organização das atividades relacionadas à esfera da tradução envolvendo os países do MERCOSUL?

O SINTRA se mantém em contato com os tradutores do bloco e seus representantes. É membro do CRAL – Centro Regional América Latina, órgão fundado em colaboração com a, então, Presidente do SINTRA, durante a sua gestão (2004-2005), e que representa a FIT – Federação Internacional de Tradutores, na América Latina. O CRAL, ao qual atualmente não somos filiados, é a entidade que se encarrega dessas discussões e decerto participará de qualquer acordo que vier a ser feito. Por enquanto, as discussões têm-se ligado à verdadeira necessidade de tradução/ interpretação entre o português e o espanhol, em vez de se confiar em um “portunhol” impreciso.

Que objetivos se estabelecem como meta para fomentar o crescimento e fortalecimento do SINTRA? De que forma os profissionais da área podem contribuir para isso?

Os profissionais podem contribuir para o fortalecimento do SINTRA filiando-se e levando até o mesmo as problemáticas que enfrentam no decorrer de suas jornadas. Somente desta forma, unidos, teremos um Sindicato forte e em constate crescimento.